

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, como a maioria sabe, a China está enfrentando uma grave epidemia com a peste suína africana. Estima-se que 134 milhões de cabeças de suíno serão sacrificados.

Diante deste cenário, podemos avaliar duas questões pontuais: a primeira é o impacto negativo que teremos em relação à exportação de soja, pois ele é o principal componente da ração consumida pela produção chinesa de suínos e aves. Está previsto uma queda de 5 a 10 milhões de toneladas do grão previsto nas exportações para o país asiático.

O segundo cenário é mais animador, que é a abertura de mercado da exportação de carnes, mas este em específico requer um maior desafio para nós.

Ocorre que, ao contrário de *commodities* agrícolas como soja, algodão e celulose — para as quais o mercado encontra-se totalmente aberto para o Brasil, nas proteínas animais o acesso se dá por meio de um processo moroso e pouco transparente de habilitação de plantas industriais, caso a caso.

Apenas 62 unidades brasileiras estão hoje autorizadas a exportar para a China, um número extremamente reduzido, sendo que só três estão autorizadas a exportar carne suína. A curto prazo, quem realmente ganhará mercado são frango e carne bovina, substitutos do suíno.

É claro que não podemos esquecer da questão sanitária. Até o momento escapamos ilesos da gripe aviária e da peste suína, por isso precisamos reforçar nossos controles de defesa sanitária para não correremos riscos.

Como falei, o cenário é preocupante e desafiador, mas se trabalharmos direito poderemos ter um retorno positivo visto tudo o que está acontecendo lá fora.

Muito obrigado.